

Deus além do ser

Recensão do livro de LÉVINAS, Emmanuel.

De Deus que vem à idéia.

Trad. Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis:

Vozes, 2002, 238 p.

A terceira tradução ao português publicada pela Editora Vozes de um texto de Lévinas, sob a acurada coordenação do prof. Pergentino Stefano Pivatto, brinda o nosso público acadêmico, primorosamente, com mais uma jóia do pensamento levinasiano. Além da referida obra, temos pela mesma editora a tradução de *Humanismo do outro homem* (1993) e *Entre Nós* (1997), esta, a propósito, muito recentemente e providencialmente reeditada. Ainda encontram-se no mercado traduções brasileiras de outros textos, sob o selo de outras editoras, além de algumas importantes traduções portuguesas. Isto, sem dúvida, ajuda a difusão de um dos autores mais importantes e significativos do século XX. Sob uma profunda assimilação dos clássicos da literatura russa; sob a herança da tradição talmúdica, de um judaísmo das Luzes; introdutor da fenomenologia na França, tendo sido co-tradutor das *Meditações cartesianas* e arguto estudioso-crítico de Husserl; admirador e ferrenho combatente do pensamento de Heidegger; e aportando influência marcante à filosofia de Derrida, Lévinas permaneceu por um longo tempo restrito apenas ao círculo de especialistas. Hoje é um autor célebre e quiçá mesmo em moda, conforme faz notar David Rabouin em edição especial da *Magazine Littéraire* (2003). “Lu-

gar-comum”, muitos tomam-no de assalto como um pensador religioso, ou mesmo como um teólogo, mas estas definições tão-somente comprovam a falta de total conhecimento ou mesmo de honestidade acadêmica por parte dos que assim se posicionam. Estamos diante de questões pouco “gratuitas” e não-fortuitas.

A presente obra foi publicada originalmente em 1982 e é um arranjo de artigos surgidos em ocasiões diferentes. Aliás, esta é uma característica que acompanha os livros de Lévinas, com algumas exceções. *De Deus que vem à idéia*, malgrado sua escrita descontínua, tem como escopo principal, conforme anuncia o título, exprimir a descida de Deus – idéia do Infinito – ao pensamento, o modo desta vinda, desta queda sobre os sentidos, e indicar a significação ou inteligibilidade justa à palavra Deus – santidade e mandamento. Dito de outro modo, preservação da transcendência, da sua distância na aproximação. Vinda que exclui a espontaneidade da razão, lacerando-a desde o seu íntimo. Indica Lévinas uma *metafísica* que se desenvolve na linguagem da *intersubjetividade*, relação ao outro, dimensão ética, em que se rompe a permanência-esforço no ser, o *conatus essendi* e o jogo inscrito entre palavra e realidade. Não é referência a um trás-mundos, não é recorrência a esta negatividade – transcendência fática –, mas a uma positividade que não se encerra no discurso e em suas correlações. Idéia de um Deus que não se coloca domesticamente em termos ontológicos e sim que se situa num *além* da própria presença. “Exigências impossíveis”? Sim e não?

Lévinas busca descrever ao longo do(s) texto(s) o modo do desenlace da correspondência entre pensamento e ser (o pensado), noese e noema. O ponto forte de sua argumentação encontra-se na segunda parte do livro intitulada “A idéia de Deus”, com destaque para o texto “Deus e a filosofia”. É sob o auspício da idéia do Infinito, preconizada nas *Meditações* de Descartes, mas utilizando-se não apenas de seu aspecto teórico-formal, que nosso autor encontra a excedência própria para a descrição do Infinito – *cogitatum* de uma cogitação que não se reduz à compreensibilidade da intencionalidade da consciência, na qual tudo se põe à luz

do olhar, conformando-se à claridade e à distinção, adequação. Aponta-se para um fracasso da visada intencional (fundamento da verdade), a qual é deportada de sua finalidade. Atraso – débito – insuperável junto ao Outro. Não se trata aí, não obstante, de um apelo ao inconsciente, mas antes de uma relação desembaraçada do aprisionamento nos refúgios do ser, des-inter-essamento: passividade, paciência, substituição, dia-cronia do tempo, bondade.

O sofrer a idéia do Infinito, “a idéia-do-Infinito-em-mim – ou minha relação a Deus – vem a mim na concretude de minha relação ao outro homem, na socialidade que é minha responsabilidade para com o próximo”, “origem concreta ou situação originária em que o Infinito se põe em mim” (p. 15; 16). A idéia do Infinito instaura a ética – inquietude até a desnucleação de si – e indica o “lugar” de Deus *no* mundo.

Dando continuação aos apontamentos feitos em *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, Lévinas diz da subjetividade que caminha junto com a questão da transcendência e de Deus. Subjetividade enquanto idéia do Infinito (p. 94), exilada da coincidência consigo mesma. O “discurso” sobre Deus é enunciado nas relações éticas inter-humanas, desde o posicionamento da identidade inalienável do sujeito – intriga incommensurável – e não por advérbios de altura, referências a uma subjetividade do *cogito*. Deus “está” na *devoção* que precede a *vaidade*. Ser devotado, votado ao outro, de-posição do Eu: idealismo não ideológico. O *além* se passa no não-lugar deste acontecimento que desconcerta a ordem do ser, um-para-o-outro, síntese passiva do tempo. *Além* que não se prefigura na violência de um dito, *flatus vocis*, mas no antes da própria linguagem, no Dizer.

A frase em que Deus entra no jogo das palavras não é “eu creio em Deus”. (...) É o “eis-me aqui” expresso ao próximo ao qual sou entregue, eis-me aqui em que anuncio a paz, isto é, a minha responsabilidade por outrem (p. 110).

O Infinito escapa ao mundo dos fenômenos e não possui mediação possível, representação. É desmedida do *objeto*. Trata-se de trabalhar a significância da palavra Deus no âmbito de uma concreção (meta)fenomenológica, evocação

transversal de Deus, idéia do Bem. É idéia de um Deus que não se esconde por detrás de imagens e que apesar de se “revelar” no brilho do rosto do outro, não se dissimula através dele como mediação e porta de acesso. O outro não é um ícone da transcendência, não é um elo que (re)liga o além e o aquém. A alteridade nega qualquer determinação ontológica e se subtrai a ela. A santidade de Deus está subentendida no rosto, mas não se confunde com ele. O rosto não possui o estatuto de um evento.

A idéia do Infinito significa desejo do Infinito (p. 100). Desejo que rompe o investimento teleológico e se afasta de seu fim. Evocação sem promessas e recompensas. Quando da busca do eu de aproximação ao Outro (Desejável), há um redirecionamento – ordem – rumo a outrem, o próximo mais próximo, não-desejável por excelência. O Desejável recusa a investida que o desejante quer impor, permanecendo separação: santidade. Ao homem é negada passagem ao *fora* do mundo. Há uma proibição ou veto do Desejável e um ordenar *para* o outro. Virada da desiderabilidade do Desejável que se afasta e incumbe, sujeitando o eu ao outro. A responsabilidade se inscreve nesta trama que se configura na não-indiferença entre o eu, o outro e o terceiro (Eleidade). Segredo da subjetividade. Lévinas pretende resgatar uma certa pureza contida na palavra Desejo, indicando um “desejo sem falta” – desejo além do *Eros* – bondade do eu, superabundância do eu. O eu, por sua vez, economicamente completo e satisfeito, ateu, aquém de toda carência possível, encontra-se radicalmente separado deste Outro que estranhamente o enche de desejo, como uma fome sublime que o atrai e não o cumula.

A relação ao Outro é excêntrica e não estática. Consciência despertada. O Outro chama e obseda o Eu (Mesmo) “do mais profundo dele mesmo ao mais profundo que ele próprio, lá onde nada nem ninguém pode substituí-lo” (p. 44). Transcendência na imanência, *profundidade* do espírito que não se diz em termos de intencionalidade. É princípio heterônomo, despertar a partir de fora, à maneira de um traumatismo, onde a liberdade, falida, perde seu arbítrio de deliberação entre possíveis; “submissão a um Deus interior

e transcendente” (p. 47). “Irretitude que vai mais alto que a retidão” (p. 102). In-condição do humano. Numa palavra: responsabilidade. O *meta* sob estes termos mantém sua exterioridade na insônia como vigília do despertar – racionalidade do espírito –, consciência que não conhece retorno, a reminiscência. A inteligibilidade da transcendência, relação de extrinsecidade de um ao outro, é inserção do sentido no “teatro do Espírito”. Relação, marcada pela diferença, que se anuncia como não-in-diferença, alhures da boa reciprocidade do Eu-Tu – ainda “modo de ser” – onde o livre ir e vir do eu e do outro acaba por esvaziar a relação de sua transcendência (p. 201). A proximidade não iguala os próximos, mas permanece assimetria. Há uma dissimetria insuperável entre Eu e Tu, em que este é sempre mais alto.

Mas fora da correlação, da imanência, da clareira, não estaríamos diante de um Deus já morto, uma vez que não podemos conhecê-lo, agarrá-lo ou mesmo colhê-lo? Não se trata de se colocar a pergunta em tons de uma indecisão hermenêutica ou mesmo de se deter na prudência de um “como se”, mas em sofrer o Infinito, “síntese passiva” do tempo, “espera sem fim esperado” (p. 80). O além da eira do ser é “misericórdia de verdade”, e o sentido independe “do problema da existência ou da não-existência de Deus” (p. 11; 221), mas se coloca desde a “insônia originária do pensar” (p. 163), como intriga ética do Infinito pela exposição do eu ao outro, investidura, eleição – tarefa ética e não salvífica. O sentido não começa e não se fecha no ser.

O sentido por excelência não é *doação de sentido*, nem se revela através de disposições afetivas, mas abertura desde o *em face* do rosto, inspiração traumática (sabedoria), diante do qual o eu é questionado, chamado à responsabilidade e colocado como “inquietude-para-a-morte-do-outro-homem” (p. 217). O sentido deixa de ser pensamento *de...*, passando a ser pensamento *para...*, para-outro, questão ética. O sentido, indiscernível ao saber, nasce da interrogação do outro, súplica que avassala o direito de ser. Temor pelo outro, por sua vida, e não terror diante do sagrado. Refere-se ao sentido que se “revela” não no enraizamento na angústia diante da possibilidade da impossibilidade – *por* mim coincidindo com

o *de* do ter-de-ser – ou “como paliativo de uma revelação parcimoniosa” (p. 81), mas por inspiração traumática; não na abertura do sagrado, mas no segredo da transcendência.

A humanidade do homem, ao contrário de sua deficiência originária, não está necessariamente ligada a um destino ontológico, a uma essência circunscrita na finitude. Tem-se de ser? A inteligibilidade mostrar-se-á apenas na rigorosa coincidência entre ser e pensar? Para Lévinas, o lugar de abertura ao sentido não é suscitado pelo ser, mas pelo outro que ser, prioridade do ético sobre o ontológico, pois “a ética não vem se sobrepor à essência como uma segunda camada” (p. 29). A significância da significação situa-se *outramente que ser*, interrupção da transitividade do verbo ser. Com isso Lévinas quer questionar o pressuposto da tarefa pressuposta no pensamento. Haveria como escapar à “gesta de ser” que “obriga todo discurso a justificar-se diante da filosofia”? (p. 86) Sim! A ética põe em questão o próprio filosofar e a imanência que o caracteriza. Trata-se do despertar da razão insuficientemente desperta, pela qual o esquecimento do Outro fez morada. “Despertar irreduzível ao saber, Razão que não se fixa na lucidez” (p. 53).

Lévinas faz avançar mais à frente da letra de Husserl e busca apontar para o incessante redespertar da apodicidade do *cogito-sum*, à Redução que a partir do Outro desperta do sono dogmático, aburguesado, da apercepção transcendental. Relação à transcendência além da intencionalidade, desde uma consciência pré-reflexiva ou má consciência, pois que a alteridade não se fecha nas correlações e sincronia da representação. O Outro não se põe sob a *intenção*, nem pode ser aquilatado. Na tradição ocidental esta marca da alteridade se encontra expressa, notavelmente, “mesmo que por um instante na sua pureza”, em alguns nomes (p. 162). Relação à transcendência, diríamos, que poderia certamente, assim como assevera Lévinas ao comentar o problema do mal a partir do texto de Philippe Nemo, *Job et l'excès du mal*, “seguir vias menos tortuosas” – apesar de fazer situar “um ‘além’ das dimensões fechadas que as operações judicativas do intelecto delineiam e que as formas da lógica refletem” (p. 180; 181).

A *via*, o a-Deus da transcendência, está no eu como

veículo do falar, na substituição, no arrancamento do sujeito da presença e retorno a si. Enredo que se passa na subjetividade incinerada, catastrofada, assignada pelo outro: metanóia ou conversão.

Em suma, podemos dizer que o(s) texto(s) sinaliza(m), invariavelmente, um novo humanismo, situando a proeminência daquele que tem de ser: o outro; humanismo que é suscitado a partir da idéia do Infinito – “mau infinito” –, afecção pelo invisível, que é tempo e humanidade desde fora e não desde o desdobramento no tempo; Deus pensado não a partir do mundo, mérito pioneiro creditado a Kierkegaard. Revela-se a *imagem* de um Deus que, “totalmente outro”, não se faz ver, descobrir ou desvelar, mas que marca decisivamente e paradoxalmente a relação ao outro homem, irrompendo a imanência da consciência e a totalidade originária do ser em geral. Imanência igualmente atribuída à teologia, à fé ou mesmo a refinadas hermenêuticas.

A filosofia de Lévinas, situada sob os ecos de Auschwitz, desde a pergunta que permanece ressoando e que não encontra um lugar, recolhe os desafios de se pensar uma “ética sem socorros”, mais além da mística, do sagrado, das salvagens religiosas, da espera. Perfaz ele exigências que urgem o pensamento do dito “fim da metafísica”, onde o posicionamento mediante um mundo que decretou a “morte de Deus”, a “morte do homem” e presenciou a penúria da razão consiste na indagação pela possibilidade do sentido e justificação de ser. Mas, como ainda pensar Deus após o anúncio de sua “morte”? Lévinas irá compreender que é preciso repensar a transcendência repensando a subjetividade desde a alteridade como significação ética, em termos de ser-para-o-outro. Anuncia, assim, uma nova possibilidade para a transcendência através do “eis-me aqui” – transcendência ética, linguagem da vinda de Deus à idéia.

De Deus que vem à idéia traz-nos a *imagem* da transcendência de Deus, Infinito que entra em relação – relação e não-relação – somente a partir de sua descida, descida que implode as correlações do ser. Diz Lévinas, parece que parafraseando o apóstolo, de uma loucura no ser. Irretitude. Altura que brilha no próximo e a quem tudo se deve no face-a-face;

altura que não se encontra nos recônditos do horizonte. Significância mais antiga que a exibição, passado imemorial, como pensamento que não é mais pensamento e que se passa sem deixar vestígios, a não ser o outro, minha obrigação, incumbência e *dever* – mesmo que o céu seja confundido com o indeterminado vazio do *há* ou apesar da estridência do silêncio. Intriga ética, amor des-inter-essado. *Fora* do mundo que *no* mundo diz a socialidade, dita as relações humanas e o modo da subjetivação do sujeito: *para* outrem, substituição e fraternidade. Espiritualidade do homem, que faz de *cada um de nós culpável diante de todos, por todos e por tudo, e eu mais que os outros*. Culpa, diversamente, como imputabilidade, nova subjetividade, sentido do humano: sinceridade. Em última instância, linguagem profética, que testemunha a *glória* do Infinito. *De Deus que vem a idéia* apresenta-se, permitindo-nos uma metáfora, como uma defesa da transcendência. Tese que Lévinas insiste em reforçar e que nos leva a tênues fronteiras.

Cabe-nos ainda uma ponderação final. Aos leitores mais exigentes a presente edição fica devendo uma apresentação ao texto, ao modo da realizada com presteza por ocasião da tradução de *Entre Nós*, mesmo que de forma breve. Gostaríamos de nos deparar com um estudo introdutório. Este anseio é devido ao fato de a equipe de tradução se destacar não apenas pelo cuidado em buscar não transmutar o dizer do autor – apesar da inevitável traição que já se configura em toda tradução – como pelo profundo conhecimento de sua obra. Assim, fica aqui a nossa queixa, mas queixa que vem em forma de apelo para que as novas traduções, que certamente virão, possam ser enriquecidas com as reflexões e olhares destes que, já atentos às dificuldades da linguagem muitas vezes hermética de Lévinas, podem certamente indicar pistas importantes a todos aqueles que se aventurarem, neófitos ou não, pelas “exigências impossíveis” do imperativo do amor encravado *na* paisagem do “deserto que cresce”.

Klinger Scoralick
Mestrando, PPCIR / UFJF
Bolsista da CAPES